

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 210

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

Instrucção secundaria

O director geral de instrucção publica dirigiu uma circular aos reitores dos lyceus, com o fim de investigar as causas do pouco aproveitamento dos alumnos.

Muita uma hypocrisia, como tantas outras de que está cheia a vida portugueza.

O sr. director geral de instrucção publica bem sabe qual é a causa principal de ser extremamente reduzida a percentagem do aproveitamento dos alumnos. E' a incapacidade, a iniquidade e a preguiça da maioria do professorado. Em todos os lyceus ha professores intelligentes, rectos, zelosos, que cumprem o seu dever. Mas em todos elles a maioria pratica os maiores abusos, lançando o ensino ao maior abandono e desprezo.

Não tenham os senhores jornalistas medo de dizer esta verdade. Digam-na bem alto, com energia, com independencia. Ou então não digam nada. Mais vale o silencio que a declamação banal.

Só em vindo a republica, dizia ha dias um diario republicano, conseguiremos ter um regimen apropriado de instrucção. Não duvidamos. Principalmente se fór ministro da instrucção aquelle excelso republicano, que já escreveu, no mesmo periodico, que não vale a pena instruir o povo. Pois não! Em vindo a republica está tudo remediado. E' a varinha de condão.

E isso tem-se visto. Cesteiro que faz um cesto faz um cento. Todos os republicanos tem dado o mais franco e decidido apoio á benemerita Associação das Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus. Todos os periodicos do partido tem secundado o esforço, a favor da instrucção do povo, dos srs. Casimiro Freire e capitão Homem Christo.

Pois não! A benemerita Associação das Escolas Moveis, se contasse só com o auxilio d'elles, já teria morrido ha muito. E os srs. Casimiro Freire e capitão Homem Christo, se precisassem do incitamento dos periodicos republicanos, a maioria dos quaes tem guardado um profundo silencio, silencio despeitado, odioso, feroz, sobre o esforço d'aquelles individuos, já teriam desanimado cem vezes.

Ora se isto é assim, para que vem, e a que vem, o ridiculo logar commum de que a republica será remedio para tudo?

A republica é uma bella forma de governo, em qualquer caso superior á monarchia, e já poucos contestam essa superioridade. Mas para que produza todos os seus excellentes resultados, é in-

dispensavel que os republicanos sejam cultos e moralizados.

Tratemos, pois, de instruir e de moralisar. Fazamos justiça a todos, sem attendermos a odio, má vontade, embirra pessoal ou despeito. Auxiliemos e incitemos todos os esforços em prol da elevação moral e intellectual d'este paiz, sem olharmos ás pessoas que os fazem. Digamos a verdade, seja contra quem fór, porque não ha nada que mais offenda, relaxe, desmoralise, do que a mentira. E quando a republica vier, veio. Teremos preparado o terreno para que os seus fructos se desenvolvam e amadureçam.

O peor, vinhamos dizendo, que existe no regimen de instrucção secundaria, é a incapacidade, a preguiça, a falta de zelo, o favoritismo d'aquelles que o executam. E, comtudo, esta verdade, claramente, nunca se diz.

O artigo 22 do respectivo regulamento poucas vezes se cumpre. O professor, em geral, não explica a lição. Se a explica, não o faz em linguagem clara, incisiva, suggestiva, esforçando-se por se fazer comprehender. «Não comprehende o seu dever, diz a lei e diz bem, o professor que lecciona de mais e inquire de menos, ou interroga muito e nada lecciona.» Pois é isto, em regra, o que elle faz.

Os reitores dos lyceus sabem-no muito bem. Mas não o dizem ao director geral de instrucção publica. E, se o dissérem, nem o director geral de instrucção publica, nem o ministro, se sentem com a energia e a rectidão precisas para pôr cõbro ao abuso.

«Ficam, pois, — palavras do regulamento — expressamente prohibidas as praxes abusivas de passar lição sem preparação prévia, ou de consumir toda a hora da aula em explanar ou tomar lição. Uma parte do tempo da aula ha de consagrar-se á averiguação de doutrinas já explicadas, uma parte á explanação de materia nova, etc., etc.

Ensinac de modo que a instrucção, objecto do ensino, seja bem assimilada pelo alumno. Ensinac de modo que a instrucção assimilada tome justo logar entre os conhecimentos já adquiridos e promova quanto possivel o incremento das forças do espirito.

Mas não ensinam. Se o alumno sabe, sabe. Se não sabe, adeante. Vão para a aula anciosos porque o tempo passe depressa. Não ha preparação prévia nenhuma. Se explicam, é a correr. O alumno que percebe, que apanhe as coisas no ar, se quizer. Se ficar sem ter percebido coisa nenhuma, é o mesmo.

E, depois, grita se contra a lei. Não são elles que são maus, é a lei, que elles não cumprem. Pois como diabo se ha de justificar

o abandono ou a preguiça propria?

E os parvos, os imbecis, os que dizem tudo por ouvir dizer, e os que tem interesses pessoais a fazer vingar, repetem, propagam que, realmente, a lei é um horror.

Além d'esse criminoso desleixo, que deixamos accentuado, não faltam nos lyceus, e nos principaes lyceus do reino, professores provisórios, sem concurso, admitidos por favoritismo, por empenhos, que não sabem nada da materia que estão ensinando.

Ha que accrescentar a iniquidade da cathedra. Os meninos recommendados, protegidos, são chamados á lição vinte vezes, trinta vezes durante o anno. Se dão lições más, não se lhes marca nota. Os que não tem recommendações, os desprotegidos, são chamados duas e tres vezes. E coitados d'elles se a lição não foi brilhante. Recebem, inexoravelmente, um sufficiente. O bom é para os amigos. E vá que estão com sorte se não apanham um mau ou um mediocre.

Para os recommendados, cara alegre e concessão de notas a ordem. Para os desprotegidos, cara carrancuda e a severidade da justiça.

Ha excepções, muito honrosas, bem sabemos. Mas a regra geral é essa.

Se juntarmos a tudo a tendencia geral para não estudar, para não trabalhar, que tem crescido, d'um modo assustador, na sociedade portugueza, temos dito as causas principaes de ser extremamente reduzida a percentagem do aproveitamento dos alumnos.

Os meninos já veem a pensar na pandega, e na mandrice, quando sahem das barrigas das mães. As mães e os papás, que gostam muito de ver os meninos janotas e pandegos, animam essa tendencia, em vez de a reprimirem. E os meninos não aproveitam, é claro, porque não prestam attenção nas aulas, porque não trabalham, porque não estudam.

E esses é uma felicidade que os reprovem, que os classifiquem mal, que os excluam, uma felicidade, uma ventura nacional, porque parasitas, animaes, brutinhos, não faltam já, antes abundam, n'este desgraçado paiz.

Ora tenham os reitores a coragem de dizer isto tudo, que cumprem o seu dever, praticando um acto de benemerencia publica.

E deixem a lei em paz, que a lei, ainda que não seja muito boa, é, no fim de contas, a que tem menos culpas.

O homem apaixonado diz muitas vezes pela bocca aquilo que só o coração devia guardar.

VIRGINIA.

Excursão a Aveiro

Diz-se que no dia 13 do proximo mez de setembro teremos a visita de mais de trescentos excursionistas da classe commercial do Porto. Esta cidade sabel-os-ha, pois, receber com gallardia.

Lembravamos, no entanto, aos sympathicos excursionistas que guardassem a sua visita a Aveiro para o dia 28, pois que n'esse dia encontrariam outros attractivos para gozarem, attendendo á imponente romaria da Costa Nova e á deslumbrante corrida de touros que se realisa na praça da Praia do Pharol, para o que o seu proprietario, sr. Antonio Joaquim Gloria, vae tractar de convidar artistas de merecimento.

Os excursionistas, indo ao Pharol, teriam occasião de disfructar as bellezas e encantos que circuitam a nossa ria, os centenaes de barcos que singram por ella e os descantes da grande massa de povo que regressa da festa da Costa Nova e ainda da que se dirige para assistir á vespéra da festa á Senhora dos Navegantes, no Forte da Barra.

A lembrança ali fica, e de certo será aproveitada pelos excursionistas portuenses.

Calcetamento

Começou já o calcetamento do Largo Municipal. Trabalham ali tres artífices, cedidos pelo sr. presidente da camara de Lisboa ao da nossa municipalidade. O largo foi vedado, em parte, para evitar que o rapazio danifique de noite o trabalho ali feito.

Vae, pois, concluir-se uma obra indispensavel e de ha muito reclamada.

Os desenhos são do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, que tem sido incansavel na realisação d'este trabalho.

E o Chica que vá... roendo as unhas, ou vá torcendo o nariz com a estronca.

Transcripções

O nosso presado collega O Debate tem continuado a trascrever as Cartas d'Algures.

As mesmas cartas tem sido transcriptas pela União, órgão, em Portugal, dos fabricantes de pão. O Despertar, jornal socialista do Porto, transcreve o nosso artigo A Morte, já transcripto, tambem, pela Voz da Justiça.

Emfim, O Commercio de Vizeu refere-se com palavras de louvor ao nosso ultimo artigo O Caso de Coimbra.

Agradecemos aos collegas as suas penhorantes attencões.

Desastre

Em Angeja, depois da festividade que ali se realiso no ultimo domingo, desarmava o sr. Francisco Carvalho, d'esta cidade, a igreja parochial, quando succedeu desequilibrar-se e cahir de uma escada abaixo fracturando uma perna.

Sentimos e desejamos-lhe rapido restabelecimento.

Cartas d'Algures

14 DE AGOSTO.

Como vimos—é o sr. Anselmo de Andrade que o diz—um kilo de pão custa 45 réis na Inglaterra.

Dissémos que em Portugal—à parte Lisboa onde elle é mais barato—o pão regula entre 100 e 120 réis o kilo. Assim é. Sem falar no pão de luxo, que esse vae em Lisboa e em toda a parte a um preço ainda superior.

Mas sejamos moderado no calculo, que vamos estabelecer. Admittamos que o pão não excede, em Portugal, o preço de 90 réis por cada kilo. E' cortar por baixo, e bem por baixo.

Supponhamos que a nossa população é de cinco milhões de habitantes. Deve ser de seis. Mas vamos lá a supôr os cinco. Supponhamos, ainda, que só dois milhões de habitantes comem pão de trigo, e que comem, em média, meio kilo de pão por dia.

Se um kilo de pão, na Inglaterra, custa 45 réis, e em Portugal custa 90 réis, dois milhões de portuguezes, comendo meio kilo de pão diariamente, gastam a mais 45 contos de réis por dia. Ou 16.250 contos por anno!

Multiplicando por 14 annos, tantos quantos tem durado entre nós a lei dos cereaes, chegámos á conclusão estupenda, mas exacta, mas abaixo ainda da verdade, que temos dado de presente ao desafortado proteccionismo, á custa do infeliz consumidor, a linda somma de 229:950 contos!!!

Abaixo da verdade, repetimos. Porque com os habitos de desperdicio, de luxo, de commodidade, que se tem estabelecido entre nós, com o excesso de fabricas de moagem, que levam, com a concorrência, com a lucta, a farinha de trigo a todos os recantos do paiz, admittir a hypothese de que só dois milhões de portuguezes comem pão de trigo é ficar distante da verdade.

Mas admittamos. Mas supponhamos.

Duzentos e vinte nove mil, nove centos e cincoenta contos, só em pão!

Só em pão!

E só em pão de trigo!

Mas não é apenas no augmento do preço do trigo e, portanto, no augmento do preço do pão fabricado com farinha d'essa qualidade, que os grandes ruaes, os reaccionarios, os companheiros e auxiliares de sua magestade a rainha nas obras de caridade, enriquecem á custa dos tuberculosos e dos famintos. É tambem no augmento de preço dos outros cereaes e legumes, augmento espantoso, graças ao direito prohibitivo, ou quasi prohibitivo; da pauta de 1892, que continua em vigor. Quinze, dezeseis e dezoito réis em kilo, para fava, cevada e milho. Ou uma differença, a mais, em favor do feudalismo portuguez, de 50, 80, e, ás vezes, 100 p. c., em relação aos mercados da Hespanha, Italia, Turquia, etc.

E para quê?

Se vissemos todas as terras bem cultivadas, os rios bem canalizados e aproveitadas as suas aguas nas irrigações; os arvoredos cuidados; selecções nas sementes e os bons typos de trigos nacionaes aproveitados; se os

O TIRO NACIONAL

O nosso prezado collega *O Debate* tem publicado umas cartas d'um socio da *União dos atiradores civis portugueses*, com sensatas considerações sobre o abandono do tiro em Portugal. Mas não é exacto, como diz o epistolographo, que o regulamento do tiro só esteja em vigor n'uma unica carreira de tiro no paiz.

Está em vigor em todas ellas, á parte o desleixo que tenha havido da parte d'alguns directores d'essas carreiras, se o houve. Nada sabemos n'este ponto.

Por decreto de 27 de novembro de 1902 foi mandado executar o *Regulamento do tiro nacional*, regulamento publicado em ordem do exercito n.º 20 de 6 de dezembro do referido anno. Por elle foi creada uma unica associação de tiro, a *União dos atiradores civis portugueses*, constituida pela associação central, com sede em Lisboa, pelas filiaes e grupos adherentes que existissem á data ou viessem a formar-se fóra de Lisboa, e pelos grupos autonomos, o Grupo Patria e o Grupo Suizo, que já existiam em Lisboa. Mas essa unica associação só podia vigorar depois dos seus estatutos serem approvados em assembleia geral, informados minuciosamente pela direcção geral dos serviços de infantaria, confirmados pelo ministerio da guerra e por elle mandados pôr em execução e publicados em ordem do exercito.

Cumprin-se isto? Não. Pelo menos, a ordem do exercito ainda não publicou estatutos nenhuns. Logo, não existe legalmente a *União dos atiradores civis portugueses*. Mas as carreiras de tiro nada tem com isso. A culpa é do ministerio da guerra. Ahí é que deve bater o correspondente do *Debate*, que tem, aliás, toda a razão para se indignar.

Os directores das carreiras de tiro podem e devem aceitar, e inscrever, todos os atiradores que appareçam nas carreiras. Mas, não esqueça, como atiradores independentes. Como membros das associações de tiro, não, porque taes associações, antes da ordem do exercito publicar os estatutos da *União dos atiradores civis portugueses*, estatutos por onde ellas todas se hão de reger, não existem.

Esta é que é a verdade. Não existem. E os directores das carreiras de tiro incorrem n'uma infração, de que os superiores, se quizerem, lhes podem pedir contas, aceitando, e, por consequente, reconhecendo officialmente os membros d'essas associações.

Mas como, por outro lado, o regulamento do tiro nacional, publicado em ordem do exercito, está em vigor, e como esse regulamento admite, além dos membros das associações, atiradores independentes, todos os que apparecerem nas carreiras podem, n'esta qualidade, receber a ins-trecção.

E os que lá forem nas condições do artigo 147 do *Regulamento dos serviços do recrutamento* não ficam, como supõe o atetor da carta do *Debate*, fóra dos beneficios da lei.

Mas elles é que não vão. Não basta dizer mal do ministerio da

guerra. E' preciso censurar tambem, asperamente, a inercia, o desleixo, o vergonhoso abandono a que o povo lança os seus interesses, e, sobretudo, a indigna conducta da imprensa, sem exclusão da imprensa democratica, que não trata nunca dos interesses do povo e da nação, occupando-se de preferencia com frivolidades e repugnantes mexericos.

Se em Portugal houvesse espirito patriotico, se a imprensa portugueza, sobretudo, repetimos, a imprensa democratica, estivesse á altura da sua missão, seria essa lei do tiro nacional uma d'aquellas que lhe mereceriam maior, mais intensa, mais fervorosa propaganda, sabendo se que este povo está tão embrutecido que só por meio de uma grande propaganda poderá, erguer-se um pouco, do seu profundo abatimento.

Em Coimbra, por exemplo, a *Associação dos atiradores civis*, embora sem existencia legal, pelo motivo atraz referido, espalhou em toda a cidade, especialmente nas officinas e nas fabricas, uns pequenos manifestos expondo ao povo as vantagens enormes do já mencionado artigo 147 do *Regulamento dos serviços do recrutamento*, demonstrando aos paes de familia que tinham ali, sem dispendio e sem maçada sequer, um excellente meio de livrar os filhos de soldado.

Pois sabem quantos aceitaram o aviso e o conselho?

Nem um!

Nem um!

E de toda a classe operaria de Coimbra só tres individuos frequentaram a carreira.

O artigo 147 não ficou, portanto, letra morta. Nem ficou desconhecido. Mas é tal a indiferença do povo que não lhe serve de incentivo nenhum.

Censurem, pois, o ministro da guerra por não ter, até hoje, approvado e mandado executar os estatutos da *União*. Mas censurem tambem o povo, que tão indigna é a lisonja deante dos reis como deante do povo.

Ou censurem o povo, ou censurem aquelles que, tendo o dever de o incitar, ficam na mesma indiferença em que elle cahiu.

Melhoramentos municipaes

Para qualquer lado que nos voltemos ou para qualquer ponto que passeemos, damos sempre de cara com novos melhoramentos municipaes: uns iniciados, outros em via de conclusão e ainda outros já concluidos.

E' incontestavel que a cidade tem sido grandemente embellezada durante a gerencia camarária do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, não deixando tambem sua ex.ª de acudir ás aldeias com os urgentes reparos que precisam e alguns outros melhoramentos de valor.

Ora até que, emfim, alguma coisa se vê feita em Aveiro e que unicamente se deve á persistencia e boa vontade do actual presidente da camara. Folgamos em o dizer, embora saibamos que com isto estamos applicando terriveis facadas ao bandalho... perdão... ao bandalho do nosso amado e muito querido *Frei Chica da Purificação do Carmo* e sua angelica corte de zoilos, mas tenham paciencia que a verdade reina no céu e illumina a terra. E por tanto a verdade acima de tudo.

Pena temos nós se lhe damos alguma facada mortal, pois furtar-nos-ia ao dulcissimo prazer de o vermos rabiado de vez em quan-

do nos ferrugentos biccos do nosso facalhão.

Club Mario Duarte

Foi realmente uma emocionante festa a que em honra de Mario Duarte se realison domingo ultimo nas salas do Club, cujo nome tomou por divisa.

Inaugurou-se n'esse dia n'aquella florescente sociedade o retrato do distincto *sportman*. Fallaram, enaltecendo as excellentes qualidades de caracter de Mario Duarte, os srs. José Prat; Arnaldo Ribeiro; Luiz Conceiro da Costa, que leu um gracioso *improvisado* em verso e Mendonça Barreto. Mario Duarte, altamente commovido, agradeceu com palavras de sincera dedicacão a manifestacão de *sympathia* de que estava sendo alvo.

Prolongadas salvas de palmas e vivas a Mario Duarte irromperam da numerosa assistencia que enchia as salas do Club, artisticamente ornamentadas.

Durante a festa tocou no atrio o no salão d'entrada a banda dos *Bombeiros Voluntarios*, o hymno do Club, offerecido pelo sr. Adriano Costa, subindo n'essa occasião ao ar algumas girandolas de foguetes.

A' noite teve lugar no hotel *Cyano Boa-Vista*, o magnifico jantar que lhe foi offerecido pelos seus amigos, reinando sempre a mais franca fraternidade, tocando durante o jantar a mesma banda.

A NOSSA CARTEIRA

Partiu para Vizella com sua esposa e filhos o sr. dr. João Feio Soares d'Azevedo, illustrado secretario geral do governo civil d'este districto.

Com sua esposa e filhos regressou das Caldas da Rainha a esta cidade, o sr. José Maria P. do Couto Brandão, esclarecido official da secretaria do governo civil d'Aveiro.

Partiu na segunda-feira para a praia do Pharol o sr. Jeronymo Baptista Coelho, acompanhado de sua esposa e filhos.

Já se encontra na Costa Nova do Prado o distincto *sportman* sr. Mario Duarte.

Está na sua casa d'Agueira (Agueda) o sr. dr. Manuel Homem de Melo, deputado por este circulo.

Está na praia do Pharol com sua familia o nosso amigo sr. Francisco Augusto da Silva Rocha, digno professor da Escola *Industria Fernando Caldeira*.

Esteve no domingo em Aveiro o sr. Antonio Gonçalves de Souza, de Villarinho.

Regressou do Valle da M6 com sua esposa o sr. José dos Reis, conhecido proprietario e industrial d'esta cidade.

Esteve em Aveiro, por occasião dos exames do 2.º grau, o sr. Rocha Martins, digno professor em Verdinhão.

Partiu hontem para a Costa Nova do Prado com sua familia, o nosso amigo sr. Augusto Guimarães.

Está no Forte da Barra, o nosso amigo sr. Manuel Gonçalves Netto.

Em convalescencia acha-se ha dias em Valle da M6, o sr. Henrique dos Santos Ratto.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, das 7 ás 9 da noite, no Jardim Publico, é o seguinte:

- 1.ª PARTE
 - Ordinario.
 - Devaneios campestres (Pout-pourri).
 - Il Pagliacci (Pot-pourri).
- 2.ª PARTE
 - Pôt-pourri da opera *Dinorah*.
 - Souvenir d'Aveiro (Whisky).
 - O Sereno (Ordinario).

grandes lavradores constituissem um elemento de protesto energico, de resistencia ousada aos crimes incessantes que os governos commettam, poder-se-hia, até certo ponto, curvar a cabeça. Mas nada d'isso succede.

Nem sequer fica em Portugal a maior parte do dinheiro, que deriva d'essa ganancia sem nome. Uma das razões, que se tem invocado a favor do escandaloso regimen dos cereaes, é a necessidade de impedir que saíam para o estrangeiro uns milhares de contos dispendidos na compra do trigo que nos faltava.

Mas, afinal, o que succede? Succede que o dinheiro que não sahe por um lado, sahe pelo outro. Com a differença, e circumstancia aggravante, de que sahe em nome da fome, á custa do sangue, á custa da vida do infeliz consumidor das classes mais pobres da nação.

Sahe nas grandes pandegas, nos regabofes com que os senhores feudaes e suas familias, desde o mais alto e poderoso até ao menos graduado e nobre, se divertem e regalam em Paris e n'outros centros d'extravagancia e vida airada. Desapparece na algibeira das mundanas de celebridade universal, nas roletas de Biarritz, Aix-les-Bains, Monte Carlo, etc., n'esses sorvedouros conhecidos, que attrahem os viciosos e os papalvos.

Para ahí vão todos os annos milhares de contos, que são arrancados á subsistencia nacional a pretexto de subtrahir ao estrangeiro o ouro com que se poderia, ao menos, matar a fome aos portuguezes. E quando não chega esse dinheiro, que é nosso, que é do povo, até as joias desapparecem na voragem, para satisfazer o vicio insaciavel ou vaidades e presumpções de grande tom.

Pois quem são nós? E' preciso mostrar que tambem ha gente n'este cantinho da Europa. Os nossos ricos hão de fazer figura, hão de honrar o nome portuguez no seio da extranja, frente a frente com os batoteiros celebres, nos braços das mundanas mais famosas, no convivio da aristocracia *vieille roche*, que recebe a benção do papa quando quer, no rodopio empolgante do bom tom e do prazer. E, depois, exgottada a bolsa, ahí veem elles de regresso á patria, ahí veem elles continuar a *pihagem legal*, desdenhosos da *piohreira*, como lhe chamam, enfurecidos pela permanencia forçada n'esta terra onde não ha pandegas dignas do nome, onde não se saboreia o grande prazer, furor que se traduz nos maiores attentados á liberdade, ao progresso, á civilização d'este povo ignorante e miseravel, ignorancia e miseria que se mantém, que é preciso manter a todo o custo, para que continue a salvo a exploração dos poderosos.

O estrangeiro! Matam-nos á fome a pretexto de subtrahir o dinheiro ao estrangeiro! Esse dinheiro dão-lh'o elles, por todas as fórmulas, por todas as vias. Quando não lh'o dão pelo esbanjamento ou pelo vicio, dão-lh'o pela incapacidade absoluta.

Duparchy, hoje um grande figurão, enriqueceu em Portugal. Bartissol, outro grande figurão, um dos donos da nossa provincia do Alentejo, d'essa decantada provincia que tem servido para as declamacões de todos os sábios sem que nenhum tenha conseguido até hoje pôr as theorias em acção, enriqueceu em Portugal. Chapuy ganha, se a memoria não nos falha, vinte e tantos contos cada anno. Gronau ganha tres mil libras em oiro e commissão em tudo que manda vir para construcções. O gerente dos Electricos ganha 36 contos. Temos estrangeiros em tudo e por toda a parte: na Companhia Real dos Caminhos de Ferro, na Companhia do Gaz, na Companhia dos Electricos, no Arsenal, no porto de Lisboa, etc.

E porque? Pela incapacidade

do ricoço indigena, que só tem audacia, que só tem iniciativas para a pandega, para a extravagancia, para o vicio. Pela incapacidade dos altos poderes do estado, pelo crime revoltante de verem na ignorancia da nação o maior sustentaculo d'um regimen odioso. Pela estupidez com que todos esses senhores, puros e genuinos rebentos de morgados, que circunscreveram a sua actividade intellectual ás caçadas e aos toiros, consideram liquidada a raça portugueza.

Por isso. Só por isso. Nós já não lhes merecemos senão *caridade*. Levam nos 229:950 contos de réis só em pão de trigo. Calcule-se o que nos levam, em relação aos outros paizes, no excesso do preço da carne, do bacalhau, do assucar, de generos de primeira e segunda necessidade, de generos alimenticios e não alimenticios, de tudo, tudo! que tudo nós pagamos, salvo, talvez, carapan de gato, mais caro que os cidadãos de outros paizes. Centenas e centenas de milhares de contos.

Mas, em compensação, dão-nos hospitaes, modelos de tuberculosos, dão-nos caridade! Caridade não falta! Isto é o paiz mais caridoso e humano que se conta nos munnos conhecidos e desconhecidos!

Pois é caso para se dizer: dêem-nos o que nos levam em mau governo, em desperdicios de toda a ordem, em especulações e explorações de toda a especie, e que leva o diabo tanto humanitarismo, tanta caridade.

E continuaremos. Já agora vamos de levar isto ao fim.

A. B.

Quem não tem barba não tem vergonha, e quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

Foi o que succedeu com o *Chica* no jantar offerecido pelo dr. Peixinho ao sr. Mario Duarte. Já é ser descarado.

Tourada na Figueira da Foz

E' no proximo domingo, 23 do corrente, que se realisa no vasto e elegante *redondel* do *Colyseu Figueirense* a primeira corrida da epocha, em honra da colonia balnear hespanhola, vindo expressamente assistir a esta festa uma das mais reputadas bandas de Salamanca.

Serão lidados dez bravissimos touros da afamada *ganaderia* do sr. Manuel dos Santos Correia Branco, de Coruche.

Tomam parte na corrida o notavel espada Antonio Guerreiro (*Guerreiro*), os eximios cavalleiros Manuel Casimiro d'Almeida e Joaquim Alves, e os applaudidos bandarilheiros Theodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Francisco Saldanha e Torres Branco.

Um valente grupo de forçados do Ribatejo fará as pégas que o sr. Jayme Henriques, director da corrida, determinar.

Abrilhanta esta festa, além da banda de Salamanca, a excellente phylarmonica *Figueirense*.

Ha comboios a preços muito reduzidos nas linhas da Companhia Real, Beira Alta e Ramal de Vizeu.

O canudo do largo do Espirito Santo, está constantemente *chuchando* com o sr. Pedro Moreira.

Talvez que o *chuchado* algum dia se resolva a acompanhar a *chuchadeira* a marmelleiro para que a *peça* fique mais completa.

E depois chamem-lhe *chapa-do*...

Fonte em S. Bernardo

A camara vae mandar construir, a pedido d'alguns habitantes d'ali, uma nova fonte em S. Bernardo, pois que a agna de que actualmente fazem uso é bastante ordinaria e insalubre.

ANALPHABETOS E FAMINTOS

Transcrevemos o segundo artigo que «O Debate» publicou sobre assumpto tão importante:

Palavras ao vento, bem o sabemos. Contado, sempre haverá quem nos leia e nos dê razão. Voltamos a tratar do mesmo assumpto de que tratámos hontem: A prohibição da entrada nos Estados Unidos, de estrangeiros analfabetos. Semelhante decisão prejudica, claro é, os habitantes de Cabo Verde. Ao mesmo tempo, o procedimento da Republica Norte-Americana demonstra que, n'aquelle paiz, existe a verdadeira comprehensão das condições de lucta nas sociedades modernas: os ignorantes são vencidos.

Em Portugal pouca gente se preocupa com o analfabetismo, protestos isolados, tentativas generosas que poucos auxiliam e nada mais.

Na Italia, os homens de Estado e os politicos de todos os partidos começam a dar a maior attenção ao gravissimo assumpto. O analfabetismo na Italia Meridional é pavoroso. O mesmo que em Portugal. Ora, da região italiana do sul, por virtude da grande miseria derivada das tristissimas condições dos trabalhadores do campo, a emigração para a America é intensa e continua. Lucram os pobres habitantes da Italia Meridional sabindo do seu paiz, e lucram os seus compatriotas que lá permanecem, pois sempre dos que partiram vem algum dinheiro. Mas, com as leis restrictivas que varios paizes começam a oppôr á emigração de analfabetos, a Italia está seriamente ameaçada. Mas, não é sómente sob este ponto de vista que se encara o problema. Observa-se que o emigrante italiano, mais ignorante do que o allemão, difficilmente pôde resistir á concorrência de quem está mais habilitado e adestrado para a lucta; note-se que, na propria Italia, a ignorancia difficulta o progresso industrial, agricola e commercial da nação.

Emfim, sob todos os aspectos encara-se o problema e concorda-se em que é preciso acudir ao mal proveniente do analfabetismo. O deputado Credaro, por exemplo, no seu relatório sobre o orçamento da instrucção publica 1903-1904, escreve (pag. 23): «Nós não podemos limitar-nos a combater o analfabetismo entre as creanças de seis a nove annos, que são obrigadas a frequentar a escola. A nossa obra tem de tornar-se effizaz, ensinando os analfabetos adultos».

O deputado Sonnino, conservador impenitente e futuro chefe de governo, talvez para captar as sympathias da Italia Meridional—mas, emfim, dizendo a verdade, proferiu ha mezes, um discurso em que preconizava a organização do ensino popular n'aquella região, afirmando que a Italia «tem faltado, até agora, ao primeiro dos seus deveres civicos: dar os primeiros elementos de instrucção á gente pobre das suas provincias mais infelizes».

O Giornale d'Italia, conservador, note-se bem, commentando o discurso de Sonnino, escrevia: «E' tempo de se iniciar uma acção energica a fim de libertar o Reino d'esta vergonha de ser o que tem a primasia do analfabetismo entre os povos da Europa Christã. Considerações de prudencia e de humanidade, impõem que essa obra redemptora seja empreendida.»

O Giornale d'Italia, conservador, note-se bem, commentando o discurso de Sonnino, escrevia: «E' tempo de se iniciar uma acção energica a fim de libertar o Reino d'esta vergonha de ser o que tem a primasia do analfabetismo entre os povos da Europa Christã. Considerações de prudencia e de humanidade, impõem que essa obra redemptora seja empreendida.»

Devemos advertir que, desgraçadamente, o primado do analfabetismo, temos que reivindicar-lo para Portugal.

O eminente homem de sciencia Giuseppe Sergi, notavel em toda a Europa culta, pelos seus trabalhos sobre psychologia, anthropologia e sociologia, aterrado com a ignorancia dos seus concidadãos, publicou, ha tempos, na Tribuna, de Roma, um artigo propondo que fossem organisadas missões, occupando mil professores, que percorressem toda a Italia do Sul ensinando os adultos a lêr e a escrever. Com alguns milhões de liras, diz elle, trabalhando a valer, ao fim de dez annos teriamos extirpado, do solo italiano, a planta maldita do analfabetismo.

E em Portugal, se as Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus fossem devidamente auxiliadas? Se os municipios, recobrando a sua autonomia, não entregassem os seus rendimentos ao Estado, que os desperdiça? Não é certo que, a Associação das Escolas Moveis e as missões de professores municipaes, em dez annos, poderiam libertar Portugal da ignorancia que o deprime e avilta?

Bastariam os milhares de contos que, mercê da confusão dos dois erarios, nos últimos annos teem sido desperdiçados em viagens, obras em palacios e outras extravagancias, para se pôder pagar a missões escolares que ensinassem a lêr e escrever os analfabetos que constituem a maioria da nação portugueza.

DESVENDANDO...

Houve uma taberna, quando foi das selvagerias do anno passado, que vendia a retalho almudens d'aguardente.

— Fazia-se um negociarrão, dizia o homemsinho ainda com saudades.

— E ninguem lhe ficou a dever nada?

— Não. Elles estavam bem recommendados; houve até um individuo, muito conhecido, que foi á minha taberna dizer-me que dêsse sempre a aguardente que ellas pedissem, porque, se ficassem a dever alguma coisa, elle tomava a responsabilidade.

Parecia mesmo o Hintze n'um dos seus arrebatamentos parlamentares:

— Eu tomo a responsabilidade.

Que canalha!

Os habitos d'escuridão só se pôdem combater com a persistencia na revolta. — REBON.

CARTAS DO PORTO

E' digno de todo o louvor a maneira correcta como os sub-delegados de saude se teem desempenhado da alta missão de fiscalisar os generos alimenticios.

O descaro praticado por esses assassinos da humanidade, continúa e continuará.

Um d'esses envenenadores foi uma mulher de nome Anna Roza, dos lados de Paranhos, que ha dias andava offerecendo á venda uma certa quantidade de carne, que já se encontrava em estado de decomposição.

Essa carne foi enterrada, de conformidade com as praxes usuas, mas a mulhersinha em referencia houve-ram por bem mandal-a em paz!

As coisas são assim; passam-se d'esta maneira em vez d'um castigo rigoroso.

Não é esta a primeira que falsifica generos, que vende volatíveis, que é julgada, e que fica absolvida.

Ha muitas, ha centenas d'elles que influem muita gente d'esta casta a falsificar tudo que lhe convenha e... que lhe seja mais rendoso.

Um castigo severo era bem merecido para estes industriosos falsificadores.

Todos os annos, n'esta epocha, ha casos sempre para regitar, e quasi sempre se não é um desastre só, com este acompanha o lucto de familias inteiras.

A rigorosa vigilancia por parte da auctoridade, feita nas margens do nosso Douro, não quer dizer, que, aqui ou alli, em sitio ermo, se tome banho, fagindo assim ás rigorosas vistas d'aquella auctoridade.

Acontece quasi sempre, que, os alvejados por esses desastres são sempre rapazitos, da idade nunca superior aos 15 annos.

Assim aconteceu hoje. N'uma das margens do rio foram banhar-se dois rapazitos.

Para se furtarem a incommodos escolheram um lugar proximo do Aralho, lugar bastante perigoso, attendendo aos gravissimos perigos que alli existem.

O resultado foi que um d'elles, que se não fora o prompto soccorro d'um barco que passava proximo, teria perecido afogado.

Outros então, escolhem sitios mais propicios para esse sport e banham-se em completo estado de nudez, o que resulta, acto continuo, a sua prisão.

Deu-se, pois, uma scena d'estas na quarta-feira, em que tres rapazinhos de idade de 7 annos tomavam banho.

Um guarda vendo aquelle proposito prendeu-os, por achar repugnante aquelle espectáculo, e com grave risco de perderem a vida.

N'isto interveio o avô d'um dos pequenos e estes deram ás de Villa-Diogo á excepção do neto d'este que se agarrara ao avô, podendo o guarda só fazer uma prisão, que por bem pouco tempo foi sustada, sendo apenas autoado o avô do pequeno. (Sport arte nova).

Braz Luiz de Abreu sahio offegante de respeito e tedio de D. Claudia da Silveira.

— Que tal está a pellada!—dizia elle de si para comigo—A impudica!... E eu dar-lhe as unturas com a boa fé do mais soez enfermeiro! Chibata é que ella precisava nos lombos ociosos!...

VIII

Má sina de poetas

Passados alguns dias, diferentes pessoas da intimidade do doutor lhe segredavam que D. Claudia fazia correr que elle fôra expulso da casa dos Silveiras, porque andava cortejando a aia grave da fidalga, sem respeito ao que devia á illustre enferma, e ao que devia á sua dignidade de medico. Os amigos aconselhavam-n'o, se queria ser recebido em casas de primeira plana, abster-se de galantear criadas, principalmente se as amas, como D. Claudia, queriam ser antepostas ás suas servas.

A calunnia era toleravel, por-

Foi hoje enviado ao tribunal do 2.º districto, o preso Augusto Pereira da Silva, sachristão da capella de Santo Ovidio, em Gaya, e que conta approximadamente 50 e tantos annos. E' accusado de um crime gravissimo, attendendo ás circumstancias que o rodeiam; relatemos:

Afim de cumprir uma promessa, a mãe d'uma rapariguita dos seus 14 annos, mandou-a á referida capella levar uma certa quantidade de azeite.

O bom do sachrista abriu a porta da capella e depois de apanhar lá dentro a rapariga, fechoo immediatamente a porta, commetendo em seguida um crime bestial.

O preso foi interrogado no tribunal, confessando o crime, concedendo-lhe a fiança de 300\$000 réis que lhe foi arbitrada.

A rapariguinha foi examinada pelo delegado de saude em Gaya, comprovando-se aquelle crime.

Realisou-se hoje, pela 1 hora da tarde, na Sé Cathedral o Te-Deum commemorando o advento de Pio X á cadeira de S. Pedro. Officiou o bispo da diocese, sr. D. Antonio Barroso, acolytado por todo o cabido, e com a assistencia da camara ecclesiastica, auditorio, parochos da cidade e das freguezias do bispado, vigarios da vara, seminarista, etc.

O vasto templo estava cheio de fieis, comparecendo entre outras collectividades, os directores da Academia de Bellas Artes, do Instituto, da Academia Polytechnica e da Escola Medica.

No fim do Te-Deum, a banda da officina de S. José tocou á porta do templo, o Hymno da Carta.

Afim de tomar parte na regata, que se realisa em Leixões no proximo domingo, chegaram hoje o yacht Lia, Vivandierê e o Zephir.

13-8-903.

CORRESPONDENTE.

Excursionistas Portuenses em Aveiro—Grande animação nos empregados do commercio.

(Correspondente particular)

Com o titulo de Empresa Excursionista Portuense, organisou-se n'esta cidade uma sociedade, promovida por um grupo de commerciantes d'esta praça, com o fim de promover excursões terrestres e maritimas a diversas cidades de Portugal, ilhas adjacentes e á vizinha Hespanha.

Esta empresa tem por fim proporcionar a todas as classes portuenses, passeios recreativos em comboios especiaes, por preços baratissimos.

Na sua primeira lista de excursões, a empresa destinou para tão agradaveis passeios, as seguintes cidades:

NO CONTINENTE:—Aveiro, Braga, Coimbra, Cascaes, Evora, Entroncamento, Guimarães, Lisboa, Mirandella, Regoa, Santarem, Setubal, Thomar, Vianna do Castello e Vizeu.

ILHAS:—Agôres e Madeira.

HESPANHA:—Madrid, Pontevedra, Sevilha, Salamarca, etc.

Aveiro, a pittoresca e formosa cidade do Vouga, que tantas bellezas naturaes tem, é a primeira cidade a ser visitada.

que em verdade, a frescallhona Ana-cleta era uma das sete criadas graves, para as quaes o doutor olhava com a fixidez de quem só tem um olho. Assanhou-o, porém, o susto de vêr se banido das casas, onde tinha os seus prazadissimos, bem que facéis amores, afôra as doentes mais renssado.

O crime de Claudia mais o exasperou ainda; porque a historia, em que elle figurava ridiculo, era contada entre as familias ás gargalhadas. Enraivecido, cogitou na imprudencia de fazer rir os amigos á custa da fidalga. Figurou-se-lhe que o mais contudente látigo era a satyra em verso. Não teve amigo que lhe aconselhasse juizo e discricção, como convinha á gravidade do seu officio, e ao melindre da poderosa parentela de D. Claudia. Escreveu e deu copias a diversos amigos das seguintes quadras:

A UMA PELLADA

Mulher, n'esse teu desgarró...

(Continúa.)

A empresa, em homenagem sincera, dedica esta sua primeira excursão, á illustre imprensa e á sympathica e briosa classe dos empregados do commercio do Porto e Aveiro.

Aveiro, Veneza de Portugal, situada á beira-mar, deve gloriar-se, e com ella, todos os seus aveirenses, por ser a primeira cidade onde a empresa faz a sua primeira estreia.

Está, pois, resolvido para o proximo mez de setembro a primeira excursão. Uns dizem que deve ser no dia 20, mas parece estar resolvido a realizar-se no dia 13. O numero de 13, não é muito agradável a muitas pessoas, mas antes o numero 13, que o numero 69.

Deve ser um dia de festa para essa cidade, que decerto ficará gravado na memoria dos aveirenses e em todos os portuenses que n'ella tomarem parte.

Os bilhetes foram postos á venda na terça-feira finda, e foi tal a anciedade em adquiri-los, que n'um só dos locais em que se encontram, fez venda superior a 60 bilhetes no primeiro dia. Reina pois grande animação na classe dos empregados do commercio d'esta cidade para tão formoso passeio, e ha suas associações, não se falla em outra coisa, segundo me consta.

E de esperar que essa hospitaleira cidade mais uma vez, receba como tem recebido sempre, os seus illustres visitantes, com toda a galhardia que tem dado provas sempre n'estas sympathicas festas.

E agora, meus portuenses, quem deixará de ir ver as tricaninhas d'Aveiro, por 720 réis? Não é paga nem de graça, mais devem gastar amanhã na festa que se realisa na Serra do Pilar.

14-8-903.

D. C.

Hotel-Chalet-Central

EM

VALLE DA MÓ

PROPRIETARIA

Anna de Jesus Santhiago

N'este acreditado hotel recebem-se hospedes por preços convidativos. Magnificos commodos e excellentes tratamentos.

Ha carros a todos os comboios na estação de Mogofores para o Valle da Mó.

Tudo á altura

Não sabemos qual a razão porque a policia enviou para juizo João Francisco Pedro, da Quinta do Gato, accusado de ter subtraído uma carteira com dinheiro. Já aqui dissémos e repetimos: o sr. João Francisco Pedro era incapaz de commetter semelhante furto, pois que é um homem honradissimo, tanto nos seus negocios commerciaes, como na sua vida particular. Ainda ha bem pouco tempo que elle liquidou o seu negocio com tenção de seguir para o Cartaxo, e foi tão honrado que annunciou no Campeão a sua resolução, pedindo a todos os seus crédores que mandassem receber os seus créditos! E' ser honrado ou não?

Como é que se envia um homem para juizo, sem provas, e apenas com a parte do queixoso? Isto só em Aveiro.

O arguido vai levar aos tribunaes o queixoso pelo infame labéu que lhe imputou.

Pesca

O mar continúa a produzir muito pouco peixe. Estão por esse motivo bastante desanimados os proprietarios das companhias, e bem assim as classes menos abastadas, pela falta de um dos alimentos que mais barato se lhes toraa na sua vida economica.

Ainda hoje muita gente falla com-terror da Mouraria e Alfama, de Lisboa, como sendo sitios terriveis para qualquer desgraçado mortal que por lá cahisse.

E na verdade, em tempo, ao mais leve pio que um penante dêsse ao encontrão d'algum folista, iam-lhe logo com a sardinha para o folle das migas que era mesmó uma consolação.

Um verdadeiro terror. Os meliantes andavam propositadamente pelas ruas provocando os pacatos transeuntes para

FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

VI

Exemplo de honestidade aos medicos

— Olé!—exclamou ella, erguendo-se de salto—Agora entendo!—E, correndo ao reposteiro, afastou-o de repellão, e disse iracunda:

— Ana-cleta! Já hoje não dormes n'esta casa. Rua! Não quero testemunhas nem espíchos do que se dig no meu quarto. Rua!

E, tornando com solemne passo para junto de Braz Luiz de Abren, que assistia corrido áquelle conflicto, disse-lhe:

— E a hypocrisia de vossemecê, senhor doutor!... A feiticaria da minha criada tambem se cura com os prodigiosos não sei que (o doutor tinha dito alexipharmacos)

da santa igreja catholica? Que hypocristas são estes medicos!...

E cacarejou nma risada secca.

— Pois quê!—tartamudeou o doutor, enleado até á irrisão.

— Eu logo vi!...—disse a fidalga, como em praticas de soliloquio comsigo mesma.—A promptidão das visitas... está explicada... Assim devia ser. Lê com lé, não falla o dictado. Cuidai que as minhas criadas serviam sómente aos meus criados. Bons tempos, em que os medicos se não sujam com amores de servilhetas...

— Oh! senhora D. Claudia!—atalhou o pondonoroso doutor—vossa senhoria está-me insultando... perdôe-me dizer lh'o, porque nunca cuidei de dizer isto a pessoa de sangue tão illustre... E, de mais, cavalheiro que tal diz a uma dama, não deve mais voltar á presença d'ella.

E, tomando o chapéu e bengalia, fez nma arqueata cortezia.

— Faça o que quizer, doutor!—disse ella abespinhada, com o nó estericco nos gorgomilos—Faça o que quizer que vossemecê se arrependará...

assim terem lã de commetterem as suas facanhas.

E ninguém ignora, por certo, o bello *di o* palavreado usado pela réles fudistagem n'estes commettimentos e até na sua vida habitual.

Pois quem lê o réles e *im-mundo pasquim* de domingo ultimo, lá o encontrará sem *tivar nem pôr*, não tendo differença nem de uma virgula só. Parece até que quem vomita as garotices que se lêem n'aquelle *vasadouro*, foi frequentador assiduo d'aquelles imnuados bairros.

Pelo menos é o que affirma toda a gente que se preza de ser digna.

Os verdadeiros assassinos da humanidade

Continúa no paiz a serie de envenenamentos do povo, postos em execução pelos mixordeiros que não tem escrúpulos em rivalisar com quantas Luercias Borgias e Urbinos de Freitas hajam, tenham havido e liço de haver.

Isto é intoleravel e o governo não terá remedio senão tornar-se mais energico nas medidas que tenha de adoptar para a repressão de taes assassinos.

Se os mixordeiros não podem vender os generos por 10, vendam nos por 20, mas ao menos poupem os nossos estomagos á ingerencia de quantos venenos se lembrem de nos impingir.

Para panno d'amostra ahi vai a relação das analyses feitas ultimamente no Laboratorio Chimico do Porto:

João Ferreira, da rua do Barão de S. Cosme — Uma amostra de chá verde, de qualidade inferior, mas toleravel para consumo; tres amostras de chá preto, quasi essencialmente constituído por pecielos e falsificado com folhas estranhas e portanto improprio para consumo; e uma amostra de chá verde nas mesmas condições; uma amostra de prosperina, imitativa do café, composta de assucar e outras substancias estranhas, impropria para consumo; e açafraõ falsificado com substancias mineiras em que predominam os nitratos de sodio e de ammonio e portanto improprio e nocivo á saude.

Cruz & Irmão, da rua de S. João — Colorau doce, falsificado com gesso, cere e farinhas, absolutamente improprio para consumo; e colorau picante, considerado bom.

Rosa & C.ª, da rua de S. João — Colorau doce falsificado com farinhas estranhas; dito picante, proprio para consumo.

E continuar-se-ha assim? Veremos...

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em lão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, chifres, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal, (1.ª parte) 15.ª edição, preço 200 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte) 15.ª edição, preço 300 réis.

Estes dois livros, approvados pelo governo, completam a arte de leitura de João de Deus.

Album, contendo as lições da CARTILHA MATERNAL, preço 95000 réis.

Quadros parietaes, contendo as mesmas lições em 35 cartões, 9500 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, 270 réis.

DO MESMO AUCTOR

Campo de Flores, 3.ª edição das poesias lyricas completas, coordenadas sob as vistas do auctor, pelo dr. Theophilo Braga, 700 réis.

Prosas, (de João de Deus) coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, preço 800 réis.

PEDAGOGIA: A Cartilha Maternal e o Apostolado, (1.º livro) 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.º livro, 500 réis.)

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras acham-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos do costume ás livrarias.

Pedidos ao commissario Francisco Franco, Livraria Popular, Travessa de S. Domingos, 60, Lisboa, aonde serão dirigidas as requisições.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

Os municipios, corporações e professores que queiram adoptar nas suas escolas o methodo de João de Deus, tambem tem desconto especial.

Deposito geral das obras, L. do Terreiro do Trigo, 20, 1.º — LISBOA.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca dentes e encerra-se do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 68, 1.º Aveiro

BAGAGOS ALMOZÁBARES
VENDEM-SE em qualquer casa de Manuel Moisés Largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos es melhores bagagos para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

são estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remittem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA — SANGALHOS

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gougalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 e 44

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SA!

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Athenaeo Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

É sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha aproximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançada em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22!

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo

(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDA SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviamencommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.